O dragão pousou no espaço

NEUSA SANTOS SOUZA[1]

Resenha do livro *O dragão pousou no espaço*, de Lula Wanderley.
Rio de Janeiro: Rocco, 2002, 160 p.

O dragão pousou no espaço, de Lula Wanderlei, é um livro indispensável para quem se interessa por arte contemporânea, pelo sofrimento psíquico – particularmente pela experiência psicótica – e sobretudo para aqueles que apostam na criatividade que caracteriza tanto a arte de nosso tempo quanto a atividade terapêutica voltada para vidas devastadas pela doença psíquica.

O autor tem formação sofisticada. É artista plástico e psiquiatra. Fez uma longa travessia no ateliê de Lígia Clark, tornou-se profundo conhecedor de sua obra e sobretudo aprendeu a trabalhar com os Objetos Relacionais, com os quais construiu um dispositivo terapêutico original que iremos conhecer ao percorrer as páginas do livro.

Em *O dragão pousou no espaço* Lula faz um estudo sobre o Objeto Relacional, de Lígia Clark, e nos mostra como este foi utilizado, não só em seu ateliê de artista, mas também no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro, no espaço fechado de uma enfermaria desse velho hospício, e, sobretudo, num outro espaço que substituiu o primeiro – *Espaço aberto ao tempo* – um lugar de vida e de experimentação terapêutica e artística criado por Lula e sua equipe.

Por meio de sete pequenas histórias clínicas, Lula retrata diferentes momentos de seu trabalho, com suas saídas, impasses e promessas. São histórias abertas à interpretação do leitor, verdadeiro estímulo ao pensamento; cheias de reflexão, sensibilidade e inventiva, em que há lugar para quem as lê: somos chamados a pensar, a contribuir com o nosso grão de sal.

São sete histórias que nos falam de um trabalho – *Estruturação do self* – em que, ao se ampliar o contato afetivo dos pacientes com a realidade, abre-se, para a maioria deles, um espaço para o tempo, portas e janelas para a vida.

Aposta-se numa preciosa matéria prima: a força de reconstrução da qual cada um de nós é dotado, força que faz surgir o broto do que antes era galho seco e irromper a luz de

[1] Psicanalista, autora de *A Psicose, um estudo lacaniano*. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

lugares em que nenhum sol brilhava. São mostradas as angústias, as dúvidas, os afetos que atravessam não só os pacientes como os terapeutas.

Na história de Romilson, por exemplo, vemos o terapeuta um tanto desanimado aprender algo essencial com seu paciente: aprender o desejo, o desejo de vir a sentir *o sabor da vida*, o desejo de continuar apesar das dificuldades enormes, das enormes pedras no caminho.

Com Marcos tem-se o testemunho de um trabalho cheio de alternâncias e surpresas, que exige do terapeuta abertura e disponibilidade para aceitar o que vier – ódio e gratidão – e assim tornar possível um percurso do qual se sabe que ele foi feito, mas faltam palavras para dizê-lo.

Na história de Antônio, que se experimentava numa união sedutora e perigosa com o cosmos, vemos os objetos relacionais operarem uma separação, uma distância, uma espécie de ponte que une e separa, e que torna possível a Antônio fazer laços com o mundo e com os outros, sem a ameaça de aniquilação. Não que sua vida tenha se esvaziado de dificuldades, nem que o perigo a abandonasse de todo, posto que viver é muito perigoso. O que Antônio conquistou foi o brilho nos olhos ao falar da filha que nascera e o interesse no mundo e nos outros à sua volta – tornou-se participante assíduo do *Espaço aberto ao tempo* no qual ajuda outros a fazerem suas travessias.

A história de D. Isaura nos leva à constatação de que, nos casos limite, o terapeuta é chamado a um ouvir que não exclui o olhar, o acolhimento de um olhar. Trata-se de um olhar acolhedor que sustenta aquele que periga cair, um olhar que é sustentação, verdadeiro segurar na mão para não deixar cair. Aprendemos também que, particularmente na experiência psicótica, a clínica inclui o acaso e o inesperado, e por ser avessa a todo tipo de rigidez, exige do terapeuta um sentido apurado da oportunidade e capacidade de dar respostas criativas ao acontecimento que advém.

Mas o que o autor, em sua generosidade, não se poupa em mostrar é que as histórias nem sempre se resolvem em reconstrução. Às vezes é o trágico que se abate e decide o destino. Foi assim com Clara, uma moça para quem tudo, ou quase tudo, era dor e vazio. O trabalho terapêutico a levou a uma reconstrução que durou por um certo tempo, um tempo de trégua, em que alguns desejos, alguns sonhos, foram realizados. Mas depois o mundo desabou, arrastando Clara para o abismo sem retorno, e deixando os que ficaram cheios de perguntas sem resposta.

Há ainda as histórias de Elizabete, Felipe e Carlos, mas vou concluir com esta última.

Na história de Carlos, que inventou um original contrato de casamento – 4 dias da semana com a mãe e os restantes com a mulher – e que só procura o *Espaço aberto ao tempo* quando se apercebe que uma crise vem a caminho, Lula Wanderlei refresca nossa memória com uma lição fundamental: *quem determina quando e como deve ser acolhido é aquele que sofre o vazio da experiência psicótica.* O que o autor de *O dragão pousou no espaço* nos lembra é que psiquiatras, psicanalistas, vários terapeutas que lidam com os loucos, todos nós, temos que servir, temos que nos prestar a servir àquele que nos faz apelo. A clínica exige que nos dobremos sobre o paciente e com ele participemos do trabalho de reconstrução – um trabalho que exige engenho e arte, exigências que Lula, em seu trabalho e em seu livro, cumpre generosamente.

Se tivesse tido a sorte de conhecer Lula, o *Espaço aberto ao tempo* e *O dragão pousou no espaço*, Artaud não teria dito, em sua loucura lúcida, que os psiquiatras – leia-se *psis* de toda ordem – detestam os loucos.

O dragão pousou no espaço é uma novidade editorial animadora, um ar fresco para o pensamento, um verdadeiro presente para todos nós. Para Lula, portanto, nosso agradecimento.